

HERMENÊUTICA: da gênese a reforma protestante

Fábio Coimbra¹

RESUMO: A pesquisa em questão é uma investigação a propósito da evolução histórica da hermenêutica entendida, esta, enquanto arte de interpretar. Para fins pontuais, esta análise delimita-se no contexto que vai dos gregos antigos à Reforma Protestante. O objetivo geral desta pesquisa consiste em compreender os pressupostos fundamentais que dão consistência teórica e científica à hermenêutica enquanto ramo da interpretação. Sendo a interpretação um modo de explicação, levantar-se-á, a título de argumento, que o intérprete é aquele que deve ter certa afinidade com a coisa interpretada. Para tanto, faz-se necessário que o mesmo tenha considerável conhecimento do contexto daqueles que, por ele, há de ser esclarecido. Sendo assim, poder-se-á levantar as seguintes indagações: Como se faz uma interpretação? O que se deve levar em conta no ato de interpretar? Estas são questões de fundo, apresentadas aqui na forma de problema, que animam esta hipótese de trabalho.

Palavras-chave: Hermenêutica. Interpretação. Contexto. Interpretete. Reforma Protestante.

ABSTRACT: The research in question is a research concerning the historical development of hermeneutics understood this, as art to interpret. For specific purposes, this analysis is delimited in the context that goes from the ancient Greeks to the Protestant Reformation. The objective of this research is to understand the fundamental assumptions, which give theoretical and scientific consistency to hermeneutics as part of the interpretation. Since the interpretation an explanatory way, will rise, by way of argument, that the interpreter is the one who must have a certain affinity with the interpreted thing. Therefore, it is necessary that it has considerable knowledge of the context of those who, for him, is to be clarified. Thus, it may will raise the following questions: How does an interpretation? What must be taken into account in the act of interpreting? These are substantive issues, presented here in the form of problem that enliven this working hypothesis.

Keywords: Hermeneutics. Interpretation. Context. Interpreter. Protestant Reform.

INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser desenvolvida intitula-se *Hermenêutica: da gênese à reforma protestante*. Este artigo tem como proposta, a partir de uma breve reflexão, compreender como se deu o processo de evolução histórica da hermenêutica enquanto arte da interpretação. Do ponto de vista da fundamentação teórica, autores como Schilleiermacher (2003), Heleno (2001) e Maximiliano (1984), dentre outros, serão de relevância capital

¹Mestre em Cultura e Sociedade. Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: antaresf84@yahoo.com.br

para o desenvolvimento consistente das ideias que se pretende aqui apresentar. Do ponto de vista metodológico, adotou-se a pesquisa bibliográfica. A estratégia consistiu na leitura e comparação dos textos ao final referenciados. Buscou-se colher as contribuições dos autores e juntá-las em um todo harmonioso que se traduzisse na construção da pesquisa.

Quanto à estrutura, a pesquisa se compõe de quatro partes. A primeira discorre sobre a interpretação do sentido das palavras, mostrando o quanto é fundamental nesse processo o conhecimento do contexto que demarca a origem das palavras. O fio condutor desta reflexão é a de que a interpretação não poder ser dissociada do contexto dentro do qual se constrói o texto, o que torna fundamental, no trabalho interpretativo, o conhecimento da língua a partir da qual esses elementos emanam. A segunda parte, à sua vez, discorre sobre as flexões da hermenêutica no contexto das transformações sociais, buscando esclarecer como essas transformações aperfeiçoaram as formas da interpretação.

A terceira parte trata do contexto de origem da hermenêutica moderna, apresentando e discutindo alguns de seus problemas fundamentais como, por exemplo, o da autenticidade dos significados dada a liberdade de pensamento, expressão e interpretação (esta última aparecendo, sobretudo, como resultante da Reforma Protestante, que defendia que os fieis deveriam ter acesso ao texto sagrado em sua língua nacional. Apresentam-se também nessa parte algumas discussões referentes à relação entre a hermenêutica e a filologia. A quarta, e última, parte discorre sobre a relação entre pensamento e linguagem, defendendo o caráter indissociável da relação que há entre esses dois conceitos. Espera-se que, ao final, as ideias e discussões apresentadas nesta pesquisa possam contribuir para ampliar os debates que contribuem para o avanço do conhecimento e crescimento intelectual dos indivíduos que se dispõem a tarefa da investigação filosófico-científica (neste caso, sobretudo, no que diz respeito à hermenêutica).

A INTERPRETAÇÃO DO SENTIDO DAS PALAVRAS E A LINGUAGEM

Tradicionalmente, a hermenêutica é pensada e definida como a arte da interpretação. Posta essa assertiva inicial, alguns questionamentos se fazem necessários, aqui, como pontos norteadores desta proposta de investigação filosófica. Nesta perspectiva, indaga-se: o que de fato vem a ser a Hermenêutica? Como se faz uma interpretação? O que se deve levar em conta no ato de interpretar? O que define a hermenêutica de hoje em relação à ideia que se tinha dela em época mais distantes? Eis, portanto, as questões de fundo de animam esta hipótese de trabalho. Em princípio, pode-se argumentar, a título de hipótese, que o ato de interpretar envolve todo um esforço que visa à elucidação do verdadeiro sentido das palavras e demais símbolos constituintes dos modos de ser de um povo, cultura, etc. A esse propósito, Maximiliano (1984, p. 9) faz o seguinte esclarecimento:

Interpretar é explicar, esclarecer; dar o significado de vocábulo, atitude ou gesto; reproduzir por outras palavras um pensamento exteriorizado; mostrar o sentido verdadeiro de uma expressão; extrair de frase, sentença ou norma tudo o que na mesma se contem. Pode-se procurar e definir a significação de conceitos e intenções, fatos e indícios; porque tudo se interpreta; inclusive o silêncio

Dos argumentos acima referidos infere-se que a interpretação, como mostra Maximiliano, compreende uma atividade complexa em vista do compromisso em não faltar com a verdade relativa a um determinado contexto. Desse ponto de vista, o intérprete figura como alguém que deve ter considerável afinidade com a coisa interpretada, sólidos conhecimentos da língua a que interpreta, bem como intimidade com as pessoas de cujos gestos e ações, por ele, são esclarecidos. Como bem argumenta Maximiliano (1984, p. 12), “o intérprete é o renovador inteligente e cauto e o seu trabalho rejuvenesce e fecunda a formula prematuramente decrépita.” Partindo desse princípio, percebe-se quão complexa é a arte da interpretação, o que, obviamente, torna necessária algumas exigências que sirvam

como parâmetros para determinar se as coisas interpretadas estão ou não em concordância com as circunstâncias que as geraram.

O objetivo disso seria não permitir o desvirtuamento do sentido correto dos elementos, acontecimentos e fatos relativamente aos seus contextos de origem. Pois, a liberdade de pensamento, sem um princípio norteador, poderá, facilmente, gerar uma diversidade de interpretações que, sem a exigência de certos credenciamentos, levaria a um distanciamento do verdadeiro sentido e originalidade do objeto interpretado. Em geral, a razão pela qual se entende a hermenêutica como a arte da interpretação (e, sobretudo, da interpretação do sentido das palavras) é histórica, tendo o seu início com os gregos, especialmente a partir da mitologia, conforme se lê abaixo:

O termo Hermenêutica provém do grego *Hemeneuein*, que significa declarar, anunciar, interpretar ou traduzir. [...] não é improvável que a palavra derive de Hermes, o mensageiro dos deuses, o que daria ao termo uma dimensão sagrada na medida em que o relacionava com a compreensão da palavra divina. (HELENO, 2001, p. 44-45)

Um detalhe importante que chama a atenção, conforme observa Heleno, diz respeito à ligação inicial que há entre a hermenêutica e os textos sagrados, o que acaba conferindo ao termo certa dimensão sagrada. Interpretar a mensagem dos deuses: esta parece ter sido, com efeito, a finalidade primeira da hermenêutica. Ou ainda, pode-se dizer que há medida que a mensagem dos deuses necessitava de interpretação para poder ser compreendida, é exatamente nesse contexto que surge a arte da interpretação.

O mensageiro, como é sabido, é aquele que traz ou leva uma mensagem de um ser para outro. Assim, Hermes só poderia transmitir a mensagem dos deuses por meio do *dizer*. Daí se concebe que o mensageiro, além de condutor da mensagem, é também aquele que faz uso da fala a fim de transmitir aquilo que ouviu. O problema que aqui vem à tona consiste em saber se, de fato, há entendimento ou não, por parte daqueles que são os destinatários das mensagens, dada a interpretação. Considerando que nem sempre se entende ao que se houve falar, surge então a necessidade da explicação daquilo que é dito para que todos tomem conhecimento claro do que ouvem. Levando em conta a diversidade

linguista, bem como a cultura intelectual, ou grau de conhecimento de cada indivíduo, a questão que se coloca diz respeito à necessidade de tradução da mensagem do original para as particularidades a fim de favorecer a assimilação e o entendimento. Nesse sentido, o mensageiro é, portanto, aquele encarregado de uma tripla função: anunciar, explicar e traduzir.

Hermes seria então aquele que trazia uma <<mensagem>> o que nos remete para três usos possíveis da noção de Hermenêutica: o dizer, o explicar e o traduzir [...]. Nos três casos há algo de diferente, de estranho e de separado no tempo, no espaço ou na experiência, que se torna familiar, presente e compreensível; há algo que requer representação, explicação ou tradução e que é, de certo modo, tornado compreensível, interpretado. (HELENO, 2001, p. 45)

Desse modo, percebe-se que o papel desempenhado por Hermes apresenta os elementos fundamentais para o surgimento da hermenêutica enquanto atividade que se ocupa da arte da interpretação. O primeiro desses elementos é a linguagem oral, que possui grande relevância no contexto das sagradas escrituras, onde a voz alta se torna fundamental para o ouvinte.

AS FLEXÕES DA HERMENÊUTICA NO CONTEXTO DAS EVOLUÇÕES SOCIAIS

Que, em princípio, a hermenêutica estava voltada à interpretação das sagradas escrituras, disso ninguém pode duvidar. Considerando sua gênese, pode-se argumentar que ela surge exatamente com essa proposta (de ser o ramo da interpretação) na medida em que a mensagem dos desuses, para ser compreendida, precisava de um interprete. Não obstante, a evolução dos acontecimentos, no decorrer da história, foi, aos poucos, impondo algumas mudanças necessárias que transformaram significativamente as formas da interpretação. Desse modo, a hermenêutica vai gradativamente se transformando no espaço-tempo à medida que isso se impunha como necessidade. Uma das primeiras

variações ocorridas no termo relacionou-se diretamente à semântica, segundo Maximiliano (1984, p. 46), conforme se lê abaixo:

O termo compreensão começou ele mesmo a ser encarado como um problema que interessava resolver, a ponto da questão não se colocar apenas em relação à das escrituras, ou de outros textos, mas havendo antes a necessidade de elucidar o que era compreender na sua essência, isto é, as condições e os limites em que este se exercia.

Os novos problemas que surgiram implicaram em mudanças que aperfeiçoaram o sentido inicial. Aqui parece desencadear-se, portanto, um processo de orientação filológica, onde a preocupação se volta para o estudo da semântica e da linguística. Ora, se essa orientação da hermenêutica para a filologia se deu, especialmente, a partir da necessidade de uma compreensão semântica dos termos ou das palavras no contexto de sua determinada origem, ou língua, vai ser, então, a partir da evolução e disseminação do cristianismo que essas transformações vão se desenvolver e se alterar. Aqui é importante chamar a atenção para a considerável diferença que há entre o antigo e o novo testamento no que diz respeito à linguagem. Enquanto a do novo testamento, por si mesma, está mais próxima da compreensão por ser uma linguagem, até certo ponto, menos enigmática, a do antigo, à medida que consta de metáforas em demasia, dificulta a compreensão, sobretudo, quando não se tem nenhuma certeza de muitos acontecimentos que metaforicamente estão relatados, como, por exemplo, as idéias de Adão e Eva. A pergunta aqui é: existiu mesmo um primeiro homem e uma primeira mulher tal como as interpretações comuns acreditam?

No período da patrística, com Santo Agostinho, doutor da igreja, surge a hermenêutica cristã, que se tornou fundamental em toda a Idade Média. Com a estrita relação entre hermenêutica e teologia, a questão que daí deriva consiste precisamente em saber como se deve interpretar e compreender corretamente as sagradas escrituras, bem como os critérios para isso. Na transição da Era Medieval para a Moderna, a evolução dos acontecimentos e fatos sociais (acompanhada do surgimento e progresso do pensamento científico moderno) também implicou em transformações que impuseram a necessidade de

rever as formas de explicação e interpretação até então vigentes (ou seja, numa era em que o tribunal da inquisição se constituía em uma forte ameaça à liberdade de pensamento e expressão àqueles que se opunham ao que era estabelecido como verdade pelo pensamento cristão).

O paradigma da antiguidade impõe o seu fascínio e o humanismo renovado de Atenas e de Roma traz novos códigos de leitura e interpretação. Como consequência, a estrutura do totalitarismo cristão medieval é profundamente abalada por processos de contaminação entre as exegeses cristã e pagã. Trata-se de um compromisso cultural – a renascença dos humanistas é, pois a *translatio studii*, a transferência do epicentro cultural definitivamente para o Ocidente. (PIRES, 1996, p. 42).

Infere-se daí que o período renascentista também compreende um período em que velhos paradigmas são quebrados dando lugar a novos. É dentro dessa conjuntura contextual que a hermenêutica é repensada e ganha, portanto, uma nova configuração, o que torna mais crítico e rigoroso os processos de interpretação.

A HERMENÊUTICA MODERNA

O contexto de origem da hermenêutica moderna (que nasce atrelada à filologia) coincide especialmente com aquele momento do pensamento ocidental que teve como pretensão primordial a construção da autonomia do sujeito a partir da elevação da confiança no poder da razão (que passa a ser o distintivo fundamental do renascimento). A esse propósito, Pires (1996, p. 41) argumenta: “Sendo a filologia uma das forças motrizes da renovação que a cultura ocidental sofrerá entre os séculos XIV e XV, é também a razão fundamental de, ai mesmo, ocorrer o nascimento da hermenêutica moderna”. Enquanto estudo crítico das obras antigas, a filologia se constituirá em referencia fundamental para a construção dos valores mais pertinentes da cultura humanista-renascentista, que também constituirá base essencial ao desenvolvimento do pensamento moderno. Filologia e hermenêutica compreendem, assim, dois ramos de estudos indissociáveis um do outro. O

que move a segunda destas é, sobretudo, a busca pela autenticidade das significações, conforme defende Pires (1996, p. 43) nas linhas que se seguem abaixo:

A preocupação hermenêutica nascerá, pois, de uma primeira afirmação da crítica do sentido e da busca da autenticidade das significações: ao controle sistemático dos acontecimentos aliar-se-á a pesquisa histórica e o filólogo, inicialmente limitado às línguas do classicismo, o latim e o grego, avançará rapidamente para o domínio do hebraico. Em todos os campos do conhecimento, a leitura e interpretação dos documentos socorrer-se-á da filologia, apta a determinar o sentido.

Enquanto a hermenêutica se ocupava da busca original dos significados, a filologia determinava os sentidos das palavras dentro de seus próprios contextos. Isto, de alguma forma, remete às idéias de significante e significado, que aparecerão pouco mais tarde (no contexto do século XX) com o desenvolvimento da linguística e da semiótica.² A partir do período renascentista, percebeu-se o desenvolvimento de uma mentalidade racionalista que objetivava, sobretudo, a construção um homem autônomo, independente e livre das barreiras que o pensamento cristão levantava como obstrução ao avanço do conhecimento. Desse ponto de vista, pode-se falar do renascimento como um momento no qual se abrem caminhos fundamentais à liberdade de pensamento e expressão. Talvez seja possível argumentar que nenhuma idéia se torna mais latente nesse contexto que a de liberdade, entendida em sentido amplo. No campo religioso, Pires (1996, p. 42), faz o seguinte esclarecimento:

O renascimento porá deste modo em jogo a *Vulgata* (tradução latina feita por São Jerônimo) em benefício de uma nova revelação, mas, sobretudo da autenticidade do texto pedida pela exigência filológica. Os documentos bíblicos anteriores à *Vulgata*, maioritariamente conservados nas comunidades judaicas do Ocidente, são agora objeto de uma nova atenção crítica. (grifos da autora)

² “Antes de tudo, cumpre alertar para uma distinção necessária: o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem”. (SANTAELLA, 1983, p. 1)

Embora, mudanças estivessem em processos de efetivação, isso não diminuía a preocupação pela conservação da originalidade dos textos e seus significados. O que se exigia desses elementos era sua passagem pelo crivo da crítica. Ou seja, houve um processo de sistematização, sobretudo, da interpretação para que a liberdade de pensamento e conhecimento não prejudicasse a autenticidade das significações. É importante ressaltar, a título de argumento, que no processo de aquisição da autonomia é necessário que o sujeito enquanto criação se afaste do seu criador, afim de que (enquanto sujeito) tome ciência daquilo que ele, de fato, é (racional, autônomo e livre, sobretudo, a partir da era moderna com o desenvolvimento da cultura antropocêntrica em detrimento da teocêntrica). Trata-se, portanto, de um contexto em que velhas ideias cedem lugar a novos ideais.

A RELAÇÃO PENSAMENTO-LINGUAGEM

Um dos problemas novos que surge no contexto da hermenêutica moderna é o da relação pensamento-linguagem. Essa discussão é interessante porque a linguagem, amplamente entendida, é a possibilidade que, quando realizada, se traduz em exteriorização e manifestação do pensamento. Schileiermacher, por exemplo, vai mostrar como essa relação se torna inextrincável. Para tanto, parte do princípio de que o pensamento é algo relativo. Desse modo, se o pensamento é relativo, o saber também não escapa a isso. Aqui é importante chamar a atenção para o fato de que o conceito de linguagem remete para o conceito de gramática. Nessa perspectiva, Schileiermacher (2003, p. 70) argumenta que a interpretação gramatical “é a arte de encontrar o sentido determinado pela linguagem”. Sendo assim, pode-se argumentar, a título de afirmação categórica, que a linguagem (entendida em sentido amplo, como já referido acima) vai ser a válvula de escape através da qual o pensamento se dará a conhecer.

Opondo-se à concepção de que a explicação existe por si mesma, Schileiermacher compreende que ela (compreensão), na verdade, resulta de uma combinação de pensamentos daqueles que falam com aqueles que escutam. Desta feita, a compreensão se torna metódica e a aquisição do saber exige, acima de tudo, esforço,

cuidado e disciplina. O problema da linguagem na hermenêutica tende a se intensificar de modo especial com a reforma protestante que defendia a ideia de que “todos os fiéis deveriam ter acesso ao termo escrito em linguagem comum”. (PIRES, 1996, p. 41). Na verdade, essa vai ser uma das principais ideias defendidas pelos reformadores. Isso fez com que a hermenêutica se voltasse à questão filológica e linguística. O objetivo disso era fazer com que o povo pudesse lê e interpretar a sagrada escritura de modo que o sentido literal e histórico captado pelo autor humano fosse o sentido divino.

A reforma reclama o regresso à verdade do texto, à autenticidade da mensagem divina, bem como a abolição definitiva das adulterações e obstáculos erguidos pela autoridade católico-romana para impedir a comunicação entre os fiéis e Deus. (PIRES, 1996, p. 41).

A reforma, portanto, entendeu que a tradição católica funcionava como uma espécie de bloqueio que impedia o contato entre Deus e os fiéis. Era necessário, portanto, tornar essa passagem livre para todos aqueles que a isso pretendessem. Daí, a liberdade de interpretação. O próprio regresso à verdade do texto, já introduz a noção da necessidade do uso da leitura. Desse modo, a autenticidade da significação passa a ser objeto de busca constante da hermenêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como pretensão primeira discorrer a cerca da trajetória histórica da hermenêutica partindo de sua origem – que se deu com os gregos, como, de fato, foi mostrado –, passando pela Idade Média, para alcançar o Renascimento. O intuito primeiro era de encerrar a discussão logo que se chegasse ao período renascentista. Entretanto, a diversificação das fontes introduziu alguns conceitos e reflexões que, com o evoluir da pesquisa, tornou-se necessário estendê-la até a reforma protestante. Cumpre ressaltar que esse pequeno prolongamento em nada enfraqueceu a pesquisa, pelo contrário, trouxe melhores esclarecimentos.

Uma das reflexões cruciais desta pesquisa foi, sem dúvidas, a questão da inseparabilidade entre pensamento e linguagem, tema que a pesquisa abordou à luz de Schleiermacher. Outro ponto relevante da discussão, também com base nesse autor, foi a noção de que a linguagem constitui a fonte da relatividade do saber, uma vez que ela expressa o pensamento, que também, é relativo. Do ponto de vista da origem, percebeu-se que a hermenêutica nasceu atrelada ao ideal de tradução, explicação e interpretação da mensagem divina. Em suma, percebeu-se que, com o renascimento, a hermenêutica foi redimensionada, ao mesmo tempo em que surgiram novas exigências, sobretudo, a partir da Reforma Protestante que, foi herdeira direta dos ideais renascentistas.

REFERÊNCIAS

HELENO, José Manuel Morgado. **Hermenêutica e Ontologia em Paul Ricoeur**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2001.

MAXIMILIANO, Carlos. **Hermenêutica e Aplicação do Direito**. Ed. 9. Rio de Janeiro: Forense, 1984. (Coleção Pensamento e Filosofia)

PIRES, Maria João. Teologia e o poder da palavra: o desafio renascentista. In: Revista da Faculdade de Letras <**Línguas e literaturas**>. Porto, XIII, 1996, p. 41-49. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2725.pdf>>. Acesso em: 04 de maio de 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica: Arte e Técnica da Interpretação**. Tradução de Celso Reni Braida. Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2003.